



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

A REFORMA PROTTESTANTE E A DEMOCRATIZAÇÃO DO SABER

Marcos Roberto Inhauser

“Saber é poder”. No período da Idade Média, o conhecimento teológico estava restrito a um grupo de pessoas e ele era a rainha das ciências e tinha a verdade final e absoluta sobre as demais. Física, química, matemática, biologia e astronomia estavam subordinadas ao entendimento e às verdades da teologia. Exemplo disto é a condenação de Galileu.

A supremacia da verdade religiosa sobre as demais ciências era preservada e incentivada pelo saber teológico que estava restrito a uma classe. Os teólogos estavam, quase todos, enclausurados em mosteiros e conventos, dedicados a uma vida ascética e voltada à meditação e à relação com o transcendente. O fato de terem a possibilidade de ficar exclusivamente dedicados ao estudo, meditação e comunhão com Deus, lhes dava a aura de superioridade. E, como forma de preservar este status, as Escrituras Sagradas, só podiam ser acessadas pelos iniciados. E deste saber restrito, especial, misterioso, a Igreja Imperial se beneficiava para manter o Sacro Império. O saber era restrito e se mantinha restrito, sob o argumento de que, se caísse nas mãos de incautos e iletrados, poderia ser corrompida a mensagem. No fundo, era o medo de que o saber teológico se espalhasse e outros também detivessem o saber que conferia poder.

O surgimento de Martinho Lutero, quem teve acesso ao texto sagrado e com ele teve uma experiência existencial, mudou o curso da história. Tendo lido a frase paulina de que “o justo viverá pela fé”, passou a meditar e teologizar sobre esta afirmação, o que o levou, no que foi seguido por outros como Calvino e Zwínglio, a sentar as bases dos princípios básicos do movimento da Reforma: só Cristo, só a fé, só a graça e só as Escrituras.

Os Reformadores defenderam o livre exame das Escrituras. Para eles, as Sagradas Escrituras podiam e deviam ser acessadas por todos, uma vez que a garantia da correta interpretação não era dada pelo grau acadêmico de quem a lesse, mas pela ação do Espírito Santo na vida do leitor. Segundo este raciocínio, um excelente exegeta que não tivesse a presença do Espírito na vida, faria pior interpretação que um leigo que tivesse a ação do Espírito a lhe guiar e orientar na leitura.

Este posicionamento contribuiu para que o saber fosse democratizado, pessoas simples tivessem acesso aos textos antes proibidos, e a pensar sua fé pelas próprias cabeças e não segundo o entendimento de alguns iluminados. Na esteira desta afirmação surgiu a convicção de que os assuntos de fé são de foro íntimo e que poder político algum tem o direito de interferir no quê e no como crer. Surgiam assim alguns dos pilares dos Direitos Humanos que são a liberdade de consciência e a liberdade religiosa.

O saber teológico assim democratizado foi fundamental para que fosse também questionado e perdesse sua aura absoluta. Algumas das verdades caíram por terra ao serem confrontadas com as evidências que as ciências traziam, como é o caso da terra ou do sol como centro do sistema.

Convencidos disto, os Reformadores se dedicaram à tarefa da educação, acreditando que a melhoria do povo e de suas condições de vida se dariam pelo acesso ao saber que a educação propicia. O mundo ocidental e o cristianismo já não foram os mesmos. As Escrituras marcaram sua presença trazendo uma nova vida.